



Círio de Nazaré: Um Mosaico de Orações¹

Andréa G. M. dos Remédios²
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

Ao longo dos mais de 200 anos de história, a Procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará, expandiu seus horizontes de visibilidade nacional e internacional. Este novo cenário no qual a manifestação local se insere se deve, acima de tudo, ao protagonismo que a mídia conquistou do séc. XX até os dias atuais. Com a esfera pública assegurada, a produção midiática conseguiu reverberar pelos quatro cantos valores e verdades que afetam diretamente realidades locais. Este artigo pretende analisar a edição do programa Profissão Repórter, da Rede Globo de Televisão que teve como tema do dia 14 de outubro de 2008 o Círio de Nazaré em Belém. A proposta é compreender as inter-relações que envolvem tradição local e culturas globais.

Palavras-Chave: Círio de Nazaré; Rede Globo de Televisão; Culturas globais

1. Introdução

Fé, devoção e dor. Estes foram os ingredientes que polemizaram o programa Profissão Repórter, da Rede Globo de Televisão, ao falarem sobre o Círio de Nazaré – manifestação religiosa e cultural que acontece todo mês de outubro, em Belém do Pará. Veiculado no dia 14 de outubro de 2008, o programa optou dentre os diversos aspectos que permeiam a festa nazarena pelo sacrifício dos devotos. Má escolha ou não, as repercussões do programa ultrapassaram os significados a cerca da manifestação religiosa no mundo e retrabalhou a percepção de muita gente.

Por mais de 200 anos, a padroeira do Pará é louvada. Através da devoção mariana, os católicos paraenses, e mais recentemente, outros espalhados pelo mundo, assistiram a evolução do Círio na dinâmica cultural da cidade e, mais ainda, na comunidade internacional, visibilidade proporcionada pelo avanço das tecnologias da comunicação. Apesar das potencialidades dos meios de comunicação de publicizar o conhecimento a cerca de uma atividade local, uma questão vem à tona: será que o material midiático sobre o círio é capaz de representar a manifestação? Quais as conseqüências da globalização para a cultura local?

¹ Artigo apresentado como avaliação final da Disciplina “Estudo de Temas Amazônicos II”, ministrada pelo professor Otacílio Amaral, no 1º semestre de 2010.

² Graduanda do 7º semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.



E é partindo desta reflexão que este artigo se propõe a analisar e contextualizar no cenário midiático da atualidade o Círio de Nazaré, partindo de um elemento inerente à devoção mariana: o sacrifício. Para corroborar com o tema, já explorado em diversos outros aspectos, pretendemos colocar na discussão o conceito de espetáculo, idealizado pelo filósofo francês, Guy Debord. Outro aspecto da análise diz respeito ao processo de globalização e suas conseqüências na dinâmica local. Finalizando, o artigo discute sobre o que chamamos de Faces do Círio de Nazaré. Como embasamento, utilizamos os estudos do Antropólogo Social, Isidoro Alves, autor do livro “*O carnaval devoto – um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém*”.

Para análise do tema, pretendemos contextualizar sobre a festa mariana. Lendas, aspectos inerentes a manifestação, características próprias e demais elementos que permeiam a fé católica na chamada Padroeira do Pará.

2. Lá vem a santinha

Atravessa a cidade com seus ornados muito bem trabalhados e na barra de suas vestes os devotos a saúdam, em meio a um mosaico de orações. Mas a peregrinação não acontece apenas no 2º domingo de outubro. Quinze dias antes a festa nazarena já se faz presente em casas, orações e até na dinâmica comercial da cidade. Afinal, estamos próximos da maior manifestação religiosa do mundo, mas mais que isso, próximos de festejar o “natal” dos paraenses.

Tudo começou com uma imagem medindo 28 cm, com os cabelos caídos sobre os ombros, carregando o menino Jesus despido com um globo nas mãos. A escultura de madeira foi encontrada por Plácido no ano de 1700. O caboclo levou a imagem à sua casa, mas ela sempre voltava para seu lugar de origem – nas proximidades do igarapé Murutucu. Este é o relato mais conhecido sobre o achado da Santa. Na realidade, a peregrinação nazarena teve início na povoação de Vigia e já era celebrada em Portugal.

De acordo com a lenda, toda vez que Plácido levava a santa para sua casa, ela retornava. Até que, às suas próprias custas, o caboclo descendente de portugueses decidiu erguer uma ermida no local, como sinal de devoção. O milagre da santa ficou conhecido na cidade e muitos devotos para passaram a visitar a imagem para render-lhes homenagens. Francisco de Souza Coutinho, então Governador da província determinou a remoção da imagem para o Palácio da cidade, em Belém.



Entretanto, a imagem retornou inexplicavelmente ao seu lugar onde foi achada. Resultado: a devoção adquiriu caráter oficial e, atualmente, a antiga ermida do caboclo Plácido transformou-se na Basílica de Nossa Senhora de Nazaré.

Apesar do achado, a peregrinação em louvor à santa só ganhou os contornos que tem hoje, noventa anos depois do achado. O primeiro círio em Belém aconteceu no dia 8 de setembro de 1793. Com a santa no colo, autoridades religiosas e militares percorriam manhãs ou tarde de um mês ainda não definido. Independente de setembro, outubro ou novembro, a procissão a Nossa Senhora reunia as autoridades com suas vestes refinadas e uma população que assistia, separadamente, o traslado da santa.

Um dos milagres mais expressivos atribuídos a Santa ocorreu no dia 11 de julho de 1846 quando um brigue português chamado São João Batista, que saía de Belém rumo a Lisboa, naufragou. Todos os passageiros foram salvos por um bote que os conduziu de volta a Belém. Segundo relatos, este brigue teria sido a mesma embarcação que conduziu a santa a Lisboa para restauração.

Apesar do Círio de Nazaré ser o mais conhecido no país, o Círio mais antigo foi datado em 8 de setembro de 1630, na cidade de Saquarema, no Rio de Janeiro. Segundo a lenda, após uma noite de tempestades, a imagem foi encontrada por pescadores. Retirada do seu lugar de origem, a imagem sempre retornava. O Reconhecimento do Círio de Saquarema como o mais antigo do Brasil se deu com a visita da imagem peregrina de Belém, em 23 de setembro de 2009.

Ao longo dos anos, o Círio de Nazaré agregou diferentes símbolos. Nas primeiras edições do festejo, a imagem original era levada pelas ruas da cidade no colo de autoridades eclesiásticas. No ano de 1855, dois elementos pertencentes a simbologia atual começaram a ser utilizados: a berlinda – inserida na corda apenas em 1880 e a corda. Este último surgiu com a necessidade de desatolar o carro onde a santa era levada. O carro era conduzido por bois e cavalos. Com o tempo, os animais foram substituídos pela corda, a berlinda foi inserida e a santa passou a ter um espaço próprio e os fieis começaram a conduzir a procissão através da corda.

3. Um mosaico de significações

O se sacrificar na atualidade se legitima a cada uso e desuso deste. Embebidos de uma dignidade divina, o sacrifício para a massa que circula de sol a sol é inerente e



corresponde à justificativa do sentido sacrificar. Em horas de um trabalho dobrado, ela recolhe raspas e restos de um futuro incerto, mas sempre convencida dos níqueis no final do mês. Apesar da vinculação com o labor, etimologicamente o sacrifício se aproxima de raízes latinas que são: “*sacrum*” e “*fazere*”. Isto significa que sacrifício corresponde a tornar algo sagrado.

Nas religiões de todo mundo, algo ou alguém é sacrificado com a finalidade de receber a graça concedida por seu Deus ou santo protetor. E não seria diferente em uma das manifestações mais impressionantes do mundo: o Círio de Nazaré. De raiz católica, a procissão de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, repercute em todo mundo diante de sua dimensão de fé. Uma fé que reúne mais de dois milhões de devotos e curiosos em uma manhã, que mudou a dinâmica cultural do Estado 15 dias antes do domingo de círio, que sacrifica milhões de devotos através de pés descalços, caminhadas de joelhos, peregrinação na corda e as mais variadas formas de agradecimento à santa por uma graça alcançada.

E nesse mar de peregrinações, muita história conta um pouco da inigualável doação de cada devoto à Santa neste dia. Resultado: o Círio de Nazaré apresenta cotidianidades que nos fazem questionar até sobre a necessidade de um questionamento diante do sacrifício alheio por Nossa Senhora. E o sacrifício ultrapassa as barreiras da peregrinação. Enquanto o domingo do Círio, que acontece sempre no 2º domingo do mês de outubro se apresenta como o palco do que Marcel Mauss³ chama de Sacrifício Devocional, a cidade se povoa de pequenas ou suntuosas formas de agradecimento. Espetáculos, comidas típicas da época, preces pessoais e até o espírito solidário entre os nortistas faz do Círio de Nazaré um cotidiano à parte na cidade das mangueiras.

Hoje, o Círio se espraia para um além-mar. Acompanhando as transformações tecnológicas e de percepção acerca do binômio espaço-tempo, a era das comunicações reconfigurou realidades outrora dimensionadas para “consumo” local ou regional. Em 1793, a primeira peregrinação a Nossa Senhora rompeu apenas as ruelas da cidade de Belém. Naquela época, as comunicações se reduziam a produção impressa local e proximidade entre seus agentes. O que predominava na capital paraense era o boca-boca. Ao longo dos anos e com o advento dos suportes tecnológicos, novas linguagens

³ Antropólogo e Sociólogo francês, autor do livro “*Sobre o Sacrifício*”. Em colaboração com o sociólogo Henri Hubert, Mauss fala sobre a função social do sacrifício religioso para o entendimento da dinâmica dos rituais religiosos. O autor defendia que o sacrifício religioso se configura como uma espécie de contrato entre o devoto e seu deus ou santo padroeiro.



ganham espaço na chamada esfera pública⁴, igualmente reconfigurada. Com outro cenário social e tecnológico, as questões sobre os elementos inerentes a tradição local foram colocadas em xeque. Afinal, a contemporaneidade está ou não esfacelando os traços sócio-culturais tradicionalmente desenvolvidos no seio da cultura popular?

Enquanto para uns é o momento de resistir à maré de novas conformações culturais, outros transformaram a realidade do Círio em um espetáculo visto e, como conseqüência, louvado em toda comunidade católica do mundo. Um espetáculo de imagens. Considerada hoje uma manifestação global, a festa nazarena apresenta todas as características da definição de espetáculo apresentada pelo filósofo francês Guy Debord. Para o estudioso, espetáculo consistiria “na relação social entre as pessoas através das imagens”⁵, uma relação mediatizada. Diante desse vínculo imagético, o círio, através das lentes de uma câmera, acaba por se conformar como a representação do que se entende por realidade.

Logicamente, quando se fala de realidade um emaranhado filosófico se apresenta para responder ou complexificar mais a percepção que temos acerca do real. Na Sociologia do Conhecimento⁶, a realidade apresenta-se individual e coletiva ao mesmo tempo. Cada pessoa constrói sua ideia de realidade a partir de vivências, fragmentos de vida e construções individuais que lhes faz discernir entre tantos temas enquanto outros apenas pincelam sobre o assunto. Mesmo alocados em realidades coletivas próximas, a construção social de realidade de um irá diferir do processo em andamento que permeia o outro.

De posse deste argumento, é possível entender a força social que a esfera midiática engendra no homem. No Brasil, os laços de identidade são frágeis. Isto se deve, sobretudo, ao processo de colonização que dominou a região e transformou a percepção dos brasileiros diante de uma modernidade esquizofrênica⁷. Na Amazônia, a

⁴ Integrante da 2ª geração da Escola Frankfurtiana, o filósofo alemão Jurgen Habermas idealizou o conceito de Esfera Pública. Habermas busca no modelo grego a origem histórica do pensamento europeu sobre os conceitos de “público” e “privado”. Compreende que esfera pública corresponde a um espaço de convívio comunitário, base da dialógica social.

⁵ O escritor francês Guy Debord, em seu livro “*A Sociedade do Espetáculo*” apresenta sua definição de espetáculo na sociedade contemporânea.

⁶ BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. *A construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis. Vozes. 1985.

⁷ Segundo a Professora Rosaly Brito em seu artigo “*Mídia, Construção do Imaginário e Identidade no Brasil*”, o movimento do colonizador no Brasil, ao rechaçar qualquer valor autóctone dos países colonizados, agravou o que Silviano Santiago chama de Esquizofrenia Cultural. E na América Latina, a construção da modernidade não acompanhou as dinâmicas evolutivas do restante do mundo. Modernismo



dinâmica se agrava. Compreendida pela lógica conservacionista, a população amazônica foi marginalizada do processo de pertencimento do espaço. Ao invés de fortalecer os laços com o espaço, a população urbana teve acesso à outra percepção social da região, através de uma Amazônia midiaticizada. E nem as tradições ou culturas populares conseguiram filtrar as significações produzidas pelo aparato midiático sobre a região. Uma das manifestações da cultura amazônica que sucumbiu a esteira midiática foi o Círio de Nazaré.

4. Devoção nazarena na Mídia

Apesar da resistência de uns, a construção “Global” da realidade já se espalhou pelas frestas subjetivas do cotidiano do brasileiro. A Rede Globo de Televisão alimenta gerações através de seus programas, telejornais, telenovelas, séries e outros produtos que fazem parte de sua grade programativa. O resultado disso se observa no dia-a-dia do indivíduo que trabalha o dia todo e quando chega à sua casa liga o aparelho de televisão e dá até “Boa Noite” para o jornalista William Bonner. Pode parecer um traço banal, mas o que há por trás desse *habitus*⁸ é capaz de responder a uma série de questionamentos a cerca da força social desenvolvida pelo monopólio Globo.

Em sua grade programativa, às terças-feiras, 23h, é exibido o programa Profissão Repórter. E em 14 de outubro de 2008, a equipe comandada pelo jornalista Caco Barcelos apresentou o espetáculo do Círio de Nazaré. Em mais de duzentos anos de procissão, apenas um elemento sobressaiu na edição “global”: o sacrifício. Em três eixos, os jornalistas apresentaram os principais pontos que norteiam o sacrifício religioso: o sacrifício dos promesseiros no entorno da procissão, a atuação da ONG Cruz Vermelha para socorrer os devotos em caso de acidente ou mal estar na caminhada e o sacrifício dos romeiros que peregrinam pagando promessas pela corda.

Com o sacrifício físico em evidência, o programa suscitou o seguinte questionamento: qual o preço da fé? Muitos telespectadores que participaram do blog do programa comentaram sobre até que ponto é legítimo se sacrificar para acertar as contas com a Santa. Já outros desaprovaram o foco da reportagem. “Não consegui

e Modernidade não caminharam juntos, provocando assim um descompasso entre ideais e a realidades imaginadas.

⁸ Conceito desenvolvido pelo sociológico Pierre Bourdieu para explicar as ações praticas cotidianas do indivíduo. Para ele, o *habitus* se constituiria como a prática construída por instâncias produtoras de valores culturais, tais como a família, a igreja, a mídia e outras estruturas objetivas. Corresponde a uma espécie de matriz cultural que predispõe o indivíduo a fazer escolhas.



identificar o Círio de Nazaré nas reportagens, apenas vi um monte de gente sofrendo dentro de uma corda, sem nenhum motivo religioso, pareceu até fanatismo. Gostaria muito que o círio de Nossa Senhora de Nazaré fosse mostrado em rede Nacional, porém com a grandiosidade e religiosidade que acontece e se prepara”⁹, afirma uma telespectadora.

Opiniões a parte, a força imagética acaba apresentando maior repercussão. Será mesmo que é legítimo questionar sobre o preço da fé? Movida pela subjetividade de cada um e constituinte da base religiosa que a contempla, a fé alimenta o traço de ser inquestionável. Entretanto, com a manifestação religiosa esvaziada, através da comercialização de imagens que possuem o objetivo principal de chocar, nem a natureza da fé consegue se preservar diante dos olhos e dedos que percorrem intransigentes pelas imagens produzidas pelo aparato midiático.

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um suplemento ao mundo real, a sua decoração readicionada. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares, informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação omnipresente da escolha já feita na produção, e o seu corolário o consumo. (DEBORD, 1967, p 17)

Outro fator que suscita reflexão a cerca do produto midiático produzido pelo programa Profissão Repórter, diz respeito ao tratamento direcional das reportagens. Considerado o caminho que leva os telespectadores ao espectro editado de um fato, a figura do repórter neste Programa corroborou para reforçar o caráter sacrificial que emana do Círio, através da vivência direta dos repórteres com o fato relatado. A proposta do Programa sugere – fato que se observa nas demais edições do Programa – uma ideologia pronta¹⁰ sobre o fazer do repórter.

Precisavam-se abordar temas que o empolgassem (o público). O paradigma para isso era a literatura novelesca: o sentimentalismo, para as moças; a aventura, para os jovens; o exótico e o incomum, para toda gente. A realidade deveria ser tão fascinante quanto à ficção e, se não fosse, era preciso fazê-la ser. (LAGE, 2008, p 15)

E transformando o Círio de Nazaré em um espetáculo sacrificial, o programa ultrapassou qualquer argumento que abrigasse proposições contrárias. A imagem possui

⁹ Trecho extraído de um comentário publicado por uma telespectadora, do blog do Programa Profissão Repórter. <http://especiais.profissaoreporter.globo.com/programa/2008/10/14/cirio-de-nazare/>

¹⁰ Em seu livro “*A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*”, Nilson Lage apresenta alguns dos caminhos históricos que se entrecruzaram com a prática jornalística para que compreendêssemos a origem da concepção de reportagem na atualidade.



uma perenidade que transpassa a força da escrita e, também, da locução. E na atualidade, a onipresença da imagem nos esquemas de comunicação entre os indivíduos é hegemônica. Outro fator que colabora para a representação do Círio de Nazaré na percepção nacional e, até internacionalmente, é o papel que a esfera midiática exerce a partir das possibilidades tecnológicas na contemporaneidade.

E mais do que isso, com a centralidade da mídia na relação social dos indivíduos, nota-se a construção de uma cultura midiaticizada, no qual não é somente o aspecto econômico que define a lógica midiática, mas a própria prática cultural das sociedades. E nessa cultura reconfigurada, quem tem o monopólio da mídia é rei.

Com a globalização, elemento próprio da essência do capitalismo, a cultura se complexificou ainda mais através da dissolução das fronteiras identitárias de cada região. Hoje podemos identificar regiões do globo que se desterritorializaram¹¹, ou seja, sofreram um processo de esvaziamento de suas raízes primeiras e acabaram por preencher este espaço com símbolos que refletem a descentralização dos produtos mercadológicos produzidos pelos conglomerados capitalistas globais. Resultado disso: a descaracterização destes lugares e o esquecimento de seus elementos tradicionais para se transformarem em culturas globais.

“Contrariamente aos “lugares”, carregados de significado relacional e identitário, o espaço desterritorializado “se esvazia” de seus conteúdos particulares. Os free-shops nos aeroportos, as cidades turísticas (Acapulco, Aruba), os hotéis internacionais parecem constituir uma espécie de “não-lugares”, locais anônimos, serializados, capazes de acolher qualquer transeunte, independente de sua idiosincrasia. Espaço que se realiza enquanto sistema de relações funcionais, circuito no qual o indivíduo se move.” (ORTIZ, 1994, p 105)

Apesar do Círio de Nazaré não se configurar como parte integrante desse esvaziamento cultural, ele sofre as conseqüências desta cultura global. Na atual conjuntura, a dinâmica global aproxima a tecnologia ao cotidiano do indivíduo e reconfigura a noção de espaço. Mais do que isso, para Stuart Hall estaríamos passando por uma nova definição de sujeito. Ao invés de sermos autocentrados em relação aos outros, estaríamos nos transformando em “sujeitos descentrados”, cuja identidade é plural e que pode se deslocar, por vezes, rapidamente (MIRA, 1994, p 132). Diante desta conjuntura, o que sobraria da construção de realidade de cada um? O que permaneceria da tradicional procissão do Círio de Nazaré para indivíduos imersos em fluidez e inconstância?

¹¹ Aspecto identificado pelo estudioso Renato Ortiz como Cultura e Sociedade global.



Esta realidade, consequência da nova era comunicacional, transforma o telespectador em aquele que contempla sua realidade através das imagens que entram em sua casa com o princípio jornalístico da verdade. Para Jean Baudrillard, “a mídia é responsável pela produção desenfreada de signos que já não guardam atrelamento com a realidade. O hiper-real assim produzido almeja ser mais real que a realidade que já não é”¹². Se a mídia é capaz de produzir novos signos, o que dizer da percepção a cerca da procissão nazarena. Até mesmo o conceito de sacrifício devocional foi deformado para atender às necessidades de audiência do público. Estas são algumas das consequências de transformar uma manifestação rica em cotidianidade em espetáculo para as noites de terça-feira. Um espetáculo de simulacros que orientam as representações sociais inerentes a esfera pública.

Apesar deste monopólio midiático sobre as manifestações locais, a cultura continua a se hibridizar e a se reconfigurar por ela mesma. Mesmo sendo distorcidamente visto e ouvido, a festa do Círio de Nazaré faz parte de um movimento atual de hibridização¹³. Para Canclini, mesmo com a dominação da produção massiva que atende aos interesses da industrial cultural, uma rica produção cultural se desenvolve nos arredores dos holofotes midiáticos. Isto significa que, mesmo com a mercantilização da festa religiosa e cultural, novos espaços híbridos estão sendo criados para legitimar a cultural tradicional e popular.

5. Faces do Círio de Nazaré

Considerada a maior manifestação religiosa do Brasil, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré é nominada pelo Antropólogo Social, Isidoro Alves, como integrante das chamadas *Festas Brasileiras*. Outra denominação que caracteriza a procissão é fazer parte do que Roberto da Matta chama de *Sistema Ritual Brasileiro* e apresenta dois grandes motivos que corroboram para essa conceituação: a) é um evento religioso que festeja uma santa padroeira, relaciona-se ao sagrado, às comemorações da ordem e da hierarquia sacralizada e, b) permite uma gama de informalidades festivas, que da Matta chama de *carnavais sagrados*.

¹² Trecho extraído do artigo “*Tarantino, Deleuze, Baudrillard, Tomates*”, do mestrando em comunicação Fernando Mascarellos, da PUCRS.

¹³ Canclini afirma que o nascimento da hibridização na América Latina se deu devido à ausência de uma política cultural moderna ancorada nos princípios da modernidade. A hibridização se configura como um processo sócio-cultural, na qual “estruturas ou práticas, que existiam em formas separadas, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.



Compreender as duas dimensões, devocional e informal, significa compreender o verdadeiro sentido da Festa, pois, ao conduzir a Santa padroeira, os devotos estabelecem com ela uma relação direta, não mediada pela hierarquia religiosa, situação essa, aliás, que, ao longo da história do Círio de Nazaré, foi sempre um ponto de tensão em razão da qual ocorreram as grandes questões do Círio (ALVES, 1980, p. 94)

Dentro do “complexo ritual” que compõe a Festa nazarena, temos o arraial (originalmente uma grande feira), o almoço do círio, o Arraial do Pavulagem, o Auto do Círio e outras pequenas manifestações que transformam a cidade em uma festa única homenageando a Santa. De origem portuguesa, o Círio de Nazaré em Belém apresenta peculiaridades próprias da cultura paraense e amazônica. E é através de um catolicismo popular, que o Círio se transforma em uma manifestação com esquemas culturais e sistemas de significados e significações que lhe são próprios. Dentre os elementos que conferem ao Círio em Belém um traço distinto da versão portuguesa estão: um mito de origem, a comensalidade, a patronagem do santo, o que é efetivamente festejado, etc.

No interior da festa religiosa, uma série de elementos compõe o que Isidoro Alves chama de mito atualizado. Para começar, os espaços percorridos pela procissão alimentam o caminho feito pelo caboclo Plácido, em 1700, ao encontrar a Santa à margem do Rio Murutucu (área hoje que corresponde aos fundos da basílica). Outro ponto que corrobora para legitimar o mito é o perfil de quem a achou: um homem do interior, pobre, pertencente a uma categoria que será o modelo de romeiro que prestará devoção à santa. Isso caracteriza a devoção a Nossa Senhora como um “culto popular”.

Nesse sentido é que a Festa de Nazaré constitui um marco essencial do que culturalmente é importante para um modo de vida regional. A atualização do mito, além de ressaltar esses padrões, põe em destaque as instâncias de identificação regional: a Festa de Nazaré é uma festa dos paraenses, intrinsecamente regional, e assim é percebida e realizada. (ALVES, 2005)

Considerado o “Natal” dos paraenses, a Festa do Círio de Nazaré corresponde, para Isidoro Alves, como o ponto de chegada e partida de um novo período, um novo tempo. Apesar dos quinze dias de manifestações as mais diversas, a festa do Círio se apresenta com um tempo em aberto. Este período repercute na realidade de cada um e na ideia de carnavalizar a vida social. Além das atividades informais, os devotos alimentam o contato com a santa a partir das promessas que são cumpridas ao longo dos quinze dias de devoção mariana.



E essa peregrinação em busca de um acerto de contas com a santa ou simplesmente a adoração nazarena, reconfigura os espaços da cidade. Além da procissão que percorre e transforma os lugares por onde passam, espaços são destinados ao festejo a virgem, dentre eles estão: o lugar onde se encontra o arraial de Nazaré, a festiva passeata do Arraial do Pavulagem, um espaço no bairro da cidade velha que abriga o espetáculo Auto do Círio e manifestações menores, mas que estão ganhando espaço no cenário do Círio como o Ode ao Círio, encenação teatral organizada pelo Instituto Universidade Popular (UNIPOP) – ONG que tem o objetivo de congregiar reflexões sobre meio ambiente, comunicação, juventude e participação e arte educação em prol de um mundo mais justo.

Na festa mariana, há de se considerar o papel de importância das comidas típicas durante os festejos a Nossa Senhora. O comensalismo, como pode ser nominada a refeição do Círio, se apresenta a partir dos valores, sistemas e representações próprias, mas que condizem com o triângulo que forma as festas populares em louvor aos santos no país. “Tanto no aspecto intrínseco como no extrínseco a comida assume um duplo papel simbólico: como expressão de um código culinário voltado para o grupo familiar e como expressão de uma unidade social mais ampla, aparecendo como código ideal, unificador, em oposição à sociedade real” (ALVES, 2005).

Mais do que uma manifestação exportada através da relação mídia-círio, o festejo de Nossa Senhora de Nazaré transpira cotidianidade. “O drama social, no caso do Círio, é uma combinação de situações que vão do sacrifício mais doloroso de um devoto que, de joelhos ou se arrastando, paga a sua promessa, até um desregrado comportamento de quem apela para a gargalhada, a conversa amena, os votos de uma feliz festa, o estardalhaço dos jovens ou o despojamento no vestir (a camisa de um clube de futebol, por exemplo) e no andar descalço, além da expressão de uma alegre convivência com a Santa que se torna, ao descer dos altares, uma personagem familiar” (ALVES, 2005).

6. Considerações finais

Na atualidade, os meios de comunicação apresentam papel central na vida do indivíduo. É como se a vida familiar girasse em torno dos produtos veiculados pela mídia. O caso do Círio de Nazaré não difere desta realidade. Entretanto, é difícil não se preocupar com os rumos e perdas que manifestações próprias de uma região podem perder diante desse arsenal de intervenções midiáticas que povoam – muitas vezes – de falseios a totalidade da manifestação. De fato, esta seria uma preocupação um tanto



conservadora, assentada muitas vezes no delicado véu da tradição. Entretanto, é preocupante pensar que, ao invés de existir para alargar as fronteiras entre as diferentes regiões do globo, o monopólio de mídia trabalha à luz de interesses, pré-concepções, estereótipos e tantos outros elementos que execram qualquer possibilidade de ação educacional através de seu conteúdo.

Na atualidade, as tradições populares se reconfiguraram. Isto se deve, em muitos casos, pelas rupturas cotidianas que interferem no processo de conservação de um dado popular. Na verdade, falar de tradição na atualidade difere das concepções cristalizadas de outrora. O tradicional correspondia ao passado, algo que deveria ser revisitado sempre para a manutenção da memória coletiva. Entretanto, o tradicional de hoje caminha sempre dialogando as roupagens modernas. Isso significa que, assim que houve uma ruptura – emergiu o moderno –, logo se tradicionalizou.

Uma das explicações para o acelerado processo de tradicionalização dos elementos está vinculado com as mudanças espaço-temporais da atualidade. E o Círio de Nazaré não ficaria de fora desta conjuntura. A grande problemática a cerca deste novo panorama se refere ao que restará destas manifestações se a cada ano novos elementos e conceitos de presença forem sendo incorporados ao festejo? Por enquanto, ainda temos a memória coletiva preservada, mas e no futuro?

Na consciência individual, homens e mulheres ainda poderão preservar traços característicos de suas experiências coletivas. Entretanto, é difícil se acreditar que, com os meios de comunicação ajudarão a arregimentar memórias, já que a tendência da midiaticização é “esconder” a memória e perpetuar as características da cultura globalizada já estabelecida.

Referências

MAUSS, M. & HUBERT, H. **Sobre o sacrifício**. S. Paulo: Cosac Naify, 2005.

MIRA, M. C. **O global e o local: mídia, identidades e usos da cultura**. Revista Margem, São Paulo, v. 3, p. 131-150, 1994

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.



DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo; comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto. Tradução de Estela dos Santos Abreu, 1997.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. **A construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento.** Petrópolis. Vozes. 1985

BRITO, R.S. **Mídia, construção do imaginário moderno e identidade no Brasil.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005.

SETTON, Maria das Graças J. **A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea.** Revista Brasileira de Educação, nº 20, mai/jun/jul/ago, p. 60-70, 2002b

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Rio de Janeiro: Record, 2001

Ortiz R. **Mundialização e cultura.** 2.ed. São Paulo: Brasiliense; 1994.

MASCARELLO, Fernando. **Tarantino, Deleuze, Baudrillard, tomates.** Revista Famecos, Porto Alegre. nº 5, nov, 1996.

GAGLIETTI, Mauro. BARBOSA, Márcia Helena S. **A questão da Hibridização em Néstor García Canclini.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Anais... Passo Fundo - RS, 2007.

ALVES, Isidoro. **A festiva devoção no Círio de N. Sra. De Nazaré.** In: Estudos Avançados, 19 (54), 2005, Scielo, Brasil.